

Do original:  
De senectute  
Tradução autorizada do idioma italiano da edição publicada Giulio Einaudi Editore  
Copyright © 1996 by Giulio Einaudi Editore

© 1997, Editora Campus Ltda.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 5988 de 14/12/73.  
Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá  
ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados:  
eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros.

*Capa*  
Victor Burton  
*Copidesque*  
Roberto Cortes de Lacerda  
*Editoração Eletrônica*  
RioTexto

*Revisão Gráfica*  
Ângela Castello Branco  
Roberto Facce

*Projeto Gráfico*  
Editora Campus Ltda.  
A Qualidade da Informação.  
Rua Sete de Setembro, 111 – 16º andar  
20050-002 Rio de Janeiro RJ Brasil  
Telefone: (021)509-5340 FAX (021)507-1991  
E-Mail: [info@campus.com.br](mailto:info@campus.com.br)

ISBN 85-352-0166-1  
(Edição original: ISBN 88-06-13608-6 – Einaudi, Torino, Itália).

Ficha Catalográfica  
CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

Bobbio, Noberto, 1909–

B6371 O tempo de memória: De senectute e outros escritos  
autobiográficos / Noberto Bobbio: tradução Daniela Versiani.  
– Rio de Janeiro: Campus, 1997.

Tradução de: De senectute  
Inclui apêndice  
ISBN 85-352-0166-1

1. Bobbio, Noberto, 1909– 2. Cientistas políticos – Itália –  
Biografia. I. Título.

97-0366

CDD — 923-245  
CDU — 92(BOBBIO, N)

97 98 99 00

7 6 5 4 3



O Mundo da Memória

É estranho que nesses testemunhos não figurem as habituais atitudes frente à morte: o medo e a esperança. O medo é contrastado pelo *taedium vitae*, que faz da morte um destino que não se deve temer, mas desejar. À esperança — que pode acudir o sofredor até em situações que parecem desesperadoras, e é a esperança de cura, ou de um caminho para uma nova vida — opõe-se o *cupio dissolvi*, ou o desejo de dissolução, de deixar de existir. *Taedium vitae* e *cupio dissolvi*, por sua vez, nada têm a ver com o *contemptus mundi* dos místicos, para quem a vida é igualmente miserável, mas a miséria é o fruto não de um Deus indiferente ou mau, mas de uma culpa, e o desprezo pelo mundo é “a natural passagem para a ascensão a Deus”. Ora, para aquele que julga que a vida é tédio e desejo de se anular, a morte é o ansiado repouso depois do desmedido e inútil esforço de viver. Já se escreveu: “A minha força vital está tão desfeita que já não consegue ver para além do sepulcro, já não consegue temer e desejar nada mais além da morte. Não posso pensar em um Deus tão impiedoso a ponto de acordar alguém que dorme morto de cansaço aos seus pés.”<sup>10</sup>

O velho satisfeito consigo mesmo da tradição retórica e o velho desesperado são duas situações extremas. A eles me referi com especial destaque para induzir-nos a refletir

<sup>10</sup> Ver R. Schneider, *Winter in Wien*, citado por R. Egenter, *Sulla vecchiaia*, Queriniana, Brescia, 1976, p. 314.

mais uma vez sobre a variedade de nossos sentimentos em relação à vida no pluriverso de valores contraditórios em que nos movemos e, portanto, sobre a dificuldade de compreender o mundo e, dentro do mundo, a nós mesmos. Entre esses dois extremos existe uma infinidade de outros modos de viver a velhice: a aceitação passiva, a resignação, a indiferença, a camuflagem de quem está obstinado em não ver as próprias rugas e o próprio enfraquecimento e se impõe a máscara da eterna juventude, a rebelião consciente através do esforço contínuo, muitas vezes destinado ao fracasso, de continuar de modo inflexível o trabalho de sempre, ou, ao contrário, o distanciamento da agitação quotidiana e o recolhimento na reflexão ou na prece, o viver esta vida como se já fosse a outra, dissolvidos todos os vínculos mundanos. A velhice não está separada do resto da vida que a precede: é a continuação de nossa adolescência, juventude, maturidade. Escreve o poeta: “*La giovinezza chiama la vecchiaia attraverso gli anni sposati: / ‘che hai trovato?’*, le grida, ‘*che hai cercato?’* / ‘*Quello che tu hai trovato*’, risponde la vecchiaia, *lacrimando: / ‘Quello che tu hai cercato’*.” (“A juventude chama a velhice através dos cansados anos: / ‘O que encontraste?’”, grita a ela, ‘o que procuraste?’ / ‘Aquila que tu encontraste’, responde a velhice, chorando: / ‘Aquila que tu procuraste.’”)<sup>11</sup> Reflete nossa visão da vida e modifica nossa atitude em relação a ela, segundo a maneira pela qual concebemos a vida, como uma inacessível montanha que temos de escalar, ou como um rio onde estamos imersos e que corre lento para a foz, ou como uma selva na qual vagamos sempre incertos sobre o caminho a seguir para chegar a uma clareira. Existe o velho sereno e o melancólico, o que chegou tranquilo ao fim de seus dias e está satisfeito, o inquieto que recorda sobretudo as próprias quedas e espera trêmulo a última, da qual já não

<sup>11</sup> Dylan Thomas, *Poesie inedite*, Einaudi, Turim, 1980, p. 73.

conseguirá se levantar; quem saboreia a própria vitória e quem não consegue apagar da memória as próprias derrotas. O velho, já meio demente, pesado não para si mesmo, mas para os outros, vítima de uma cruel penitência cuja causa ele e nós ignoramos. Cosima, a protagonista do livro de Petriagnani, diz com doçura: “Os amalucados são fantásticos, são como crianças doidas. Seguem qualquer fantasia que possamos ter, até já não sabermos o que é fantasia e o que é a realidade deles, a vida que tiveram e esqueceram, ou quiseram esquecer.”

O mundo dos velhos, de todos os velhos, é, de modo mais ou menos intenso, o mundo da memória. Dizemos: afinal, somos aquilo que pensamos, amamos, realizamos. E eu acrescentaria: somos aquilo que lembramos. Além dos afetos que alimentamos, a nossa riqueza são os pensamentos que pensamos, as ações que cumprimos, as lembranças que conservamos e não deixamos apagar e das quais somos o único guardião. Que nos seja permitido viver enquanto as lembranças não nos abandonarem e enquanto, de nossa parte, pudermos nos entregar a elas. A dimensão na qual o velho vive é o passado. O tempo do futuro é para ele breve demais para dedicar seus pensamentos àquilo que está por vir. A velhice, dizia aquele doente, dura pouco. Mas justamente porque ela dura pouco é que devemos empregar o tempo menos para fazer projetos para um futuro distante ao qual já não pertencemos, e mais para tentar entender, se pudermos, o sentido ou a falta de sentido de nossa vida. Concentremo-nos. Não desperdicemos o pouco tempo que nos resta. Percorramos de novo nosso caminho. As recordações virão em nosso auxílio. No entanto, as recordações não aflorarão se não as formos procurar nos recantos mais distantes da memória. O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência porque é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa iden-

tidade, não obstante os muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes, os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes no tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória. Eu poderia descrever passo a passo, pedra a pedra aquela estrada dos campos que percorríamos quando rapazes para chegar a uma herdade um pouco fora de mão.

Quando percorremos uma vez mais os lugares da memória, os mortos perfilam-se em torno de nós em número cada vez maior. A maior parte dos que nos acompanharam já nos abandonou. Mas não podemos apagá-los como se nunca tivessem existido. No momento em que os trazemos à mente, os fazemos reviver e ao menos por um instante não estão de todo mortos, não desapareceram no nada: o amigo que morreu ainda rapaz em um acidente na montanha, o companheiro de escola e de brincadeiras que caiu com seu avião durante a guerra, cujo corpo a família esperou durante anos, e que nunca foi encontrado. Não sabemos por quê. A morte de Leone Ginzburg em uma prisão de Roma durante a ocupação alemã. O suicídio de Pavese. E ainda não sabemos por quê.

Mencionei muitas maneiras de viver a velhice. Alguém poderia me perguntar: — E você, como a vive? Nesta última parte do meu discurso penso ter dado a resposta. Direi em resumo que tenho uma velhice melancólica, a melancolia subentendida como a consciência do não-realizado e do não mais realizável. A imagem da vida corresponde a uma estrada cujo fim sempre se desloca para a frente, e quando acreditamos tê-lo atingido, não era aquele que imagináramos como definitivo. A velhice passa a ser então o momento em que temos plena consciência de que o caminho não apenas não está cumprido, mas também não há mais tempo para cumpri-lo, e devemos renunciar à realização da última etapa.

A melancolia é suavizada, todavia, pela constância dos afetos que o tempo não consumiu.